

# “Uma reação lógica a um abuso”

por Pedro Cafardo  
de São Paulo

A limitação imposta pelo Banco Central à conversão de empréstimos externos em capital de risco “é uma reação lógica ao que parece ser um abuso por parte de algumas empresas”. Esta foi a interpretação do presidente da Câmara Americana de Comércio e da Dow Química, Enrique Sosa, à notícia de que a partir de agora os recursos convertidos terão de permanecer obrigatoriamente no País no mínimo o mesmo prazo previsto no contrato de crédito.

Sosa disse na sexta-feira a este jornal que, como presidente da Câmara Americana, está confiante em que a limitação imposta pelo Banco Central não terá nenhuma reflexo no fluxo de investimentos estrangeiros no País. Esse fluxo, de qualquer forma, já está bastante reduzido, tendo caído para US\$ 657 milhões no ano passado.

Celso Giacometti, sócio da Arthur Andersen, tem opinião semelhante à de Sosa. Ele acha que esses abusos representam a menor parcela das conversões de empréstimo em capital de risco e concorda em que a

medida do Banco Central “é bem-vinda porque é moralizadora”. As companhias estrangeiras que têm interesse em fazer conversões genuínas, disse Giacometti, continuarão fazendo as operações.

O fluxo dessas operações, de qualquer forma, continuará sendo muito pequeno, segundo Giacometti, não pela modificação do Banco Central, mas porque não existe realmente interesse das empresas em aplicar capital de risco. Esse desinteresse seria resultado da alta remuneração dos empréstimos, devido aos juros elevados. Além disso, as remessas de juros



**Enrique Sosa**

podem ser deduzidas do Imposto de Renda, enquanto a renda de capital, não.